

# História de mulheres educadoras: dos movimentos sociais latino-americanos à figura feminina nas contradições sociais do século XXI

Débora Aparecida Rosa Reichert<sup>1</sup>

Para refletir, de que forma a história de mulheres educadoras desde os movimentos sociais latino-americanos à figura feminina nas contradições sociais do século XXI, podem colaborar para uma construção social baseada na igualdade de direitos, pensamos: As transformações da sociedade tanto no que diz respeito ao fator econômico, ou acerca do consumo presente no sistema do capital, as questões de gênero, a influência da mídia na sociedade, e principalmente a permanência da mulher como protagonista neste século, vem fortalecendo os movimentos sociais já existentes cujo os direitos das mulheres são principal foco bem como a inspiração cada vez mais forte de novos movimentos, como exemplo desta década temos o movimento da teologia feminista, que possibilita a reflexão do papel da mulher na religião sem a submissão histórica dos antepassados. Diante dos debates, muitas perguntas surgem, pois há contradições destas relações que precisam ser pensadas.

Por isso, trazemos também, o fato que diante da pesquisa de mestrado em educação que realizamos no ano de 2013 e 2014, tendo por objeto uma escola do campo e suas educadoras, membros de um mo-

<sup>1</sup> Mestre em Educação Políticas Públicas e Formação de Professores pela Universidade do Planalto Catarinense. Formação inicial no Magistério em nível médio pelo Centro Educacional Vidal Ramos Junior (2001). Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário FACVEST. Pós-Graduada (Latu Sensu) em Práticas Interdisciplinares pela Instituição UNIASELVI/FUCAP.

vimento social, nossa inquietação e questionamento quanto as questões na área da educação em que os fatores históricos sociais e culturais estão intrínsecos em seu processo, só aumentaram, nos desacomodando mais uma vez a caminhar em busca de respostas e também de formular as perguntas diante do contexto em que se encontram mulheres educadoras, oriundas de movimentos sociais que na luta por uma educação diferente, aquela que seja para todos e com qualidade social, de fato aconteça, bem como a figura forte da mulher educadora social, militante, camponesa, empreendedora, mãe e líder, figura esta que foi nos apresentada na pesquisa de mestrado de maneira a nos impulsionar na continuidade, agora no foco histórico e atual do sujeito mulher no mundo do século XXI e suas relações pedagógicas com o mundo do capital em meio às contradições existentes.

O sistema de status quo, necessita ser pensado, no âmbito epistemológico, alguns sujeitos no século XXI já o estão fazendo em suas práticas diárias em seus diálogos, muitas vezes até numa práxis para além da atividade, então, pesquisar historicamente, de que forma mulheres como educadoras sociais dentro dos movimentos sociais latino-americanos e em suas comunidades, desenvolvem a sua práxis pedagógica, numa perspectiva de mudança social, mesmo diante das contradições existentes nos mais variados contextos em que se encontram. Quais epistemologias embasam seu pensamento, sua prática? Como forma de contribuição social para a educação em sua história e em seu momento presente, século XXI, construímos no exercício do ato de pensar estas mudanças, onde estão presente as desigualdades, os sofrimentos humanos que vêm impregnados de matizes históricas, chamados também de colonialismo, principalmente nos países latino-americanos. Se há uma possibilidade de contribuir para esta transformação, acreditamos que esta pode ser refletindo, discutindo, pesquisando, que os indivíduos poderão vislumbrar a chance de um dia, de fato, alcançarmos a liberdade e o direito à educação e ao bem estar de qualidade social.

Estudar quem são as mulheres que contribuíram para o pensamento educacional latino-americano e suas epistemologias; Estar atento ao que aconteceu e ao que acontece neste século, por meio da pesquisa,

da história e das ações de mulheres educadoras que cada vez mais conquistam espaços no mundo, nos movimentos sociais; Marcar o ato de conhecer histórica e socialmente o curso da mulher ao longo do tempo até este século XXI como um ato político, Investigar os processos históricos da mulher na educação no Brasil, bem como nos países latino-americanos; Estudar historicamente quais são as políticas que garantem a ação destas mulheres como educadoras dentro dos movimentos sociais e nas comunidades em que vivem, bem como suas implicações, entraves e avanços; Analisar quais os impactos que as possíveis práxis destas mulheres tem na sociedade; Pesquisar a mulher como educadora social desde aquelas com formação acadêmica até as que atuam na educação não formal dos movimentos sociais às figuras do feminino; Observar o processo e o papel da mulher na economia-trabalho-educação do sistema capitalista nas suas relações e contradições; Refletir dentro destas histórias, o papel da mulher militante numa perspectiva de mudança social diante das dificuldades encontradas no respeito ao gênero.

O feminismo está amplamente aberto no que se trata em suas metodologias, devido a suas epistemologias multidisciplinares, acreditamos que podemos definir que por ora o melhor caminho é a continuação do diálogo, embora diga-se que no século XXI as mulheres já conquistaram os seus direitos, percebemos que nada está finalizado, pois outras formas de violência, tortura, machismo e coação estão presente na sociedade como ferramentas deste mecanismo opressor.

Maria da Glória Gohn (2007) diz que há uma grande discussão teórica sobre outras racionalidades existentes e que tem pautado o debate a qual ela chama de “crise da modernidade”, isso segundo Gohn, acaba trazendo à tona outras dimensões da realidade social que são igualmente produtoras de saberes. A autora diz ainda que estes saberes “[...] tais como as que advêm do mundo das artes, do “mundo feminino” das mulheres, do corpo das pessoas, das religiões e seitas, da cultura popular, das aprendizagens cotidianas [...]” (GOHN 2007, p.40).

E estes saberes como afirma a autora, se apresentam por meio da educação não-formal, no campo das experiências participativas e nas lutas dos movimentos sociais, culturais etc. Gohn (2007) identifica uma

pergunta chave para a reflexão na busca de nossa pesquisa: “Quais são as principais ações coletivas em que encontramos o protagonismo das mulheres?” (p.44). Ela diz que as respostas iniciais são:

[...] as mulheres estão nas redes associativas e de mobilização estruturadas em organizações não-governamentais (ongs), nas associações de bairro e nas associações comunitárias, em entidades assistenciais, nas organizações criadas por empresas a partir de políticas de responsabilidade social, em organizações populares que atuam junto a mediadores (como entidades articuladoras e fóruns), nos movimentos sociais propriamente ditos e nos diversos conselhos de gestão pública compartilhada existentes (GOHN, 2007, p.44).

Sem dúvida, ao ler a citação acima que apresenta os possíveis lugares em que se situam a figura da mulher, relacionamos com a ação da educação, pois é claro que o fazer sociocultural e sócio-político está intrínseco nestas relações uma vez que são seres históricos em atividade. No que diz respeito aos movimentos de mulheres relacionados à educação popular, por exemplo, temos no Brasil, segundo Carmen Silvia Maria da Silva (2005) muitas mulheres envolvidas em entidades de movimentos sociais, organizações não-governamentais, pastorais e serviços eclesiais, universidades e sindicatos, que continuam fazendo o mundo mudar, ajudando a desenvolver consciência crítica e solidária, a organizar grupos que manifestam seus interesses e constroem direitos. Homens e mulheres que trabalham acompanhando os esforços de atuação articulada dos movimentos em redes, as intervenções junto aos poderes públicos, a organização de novas formas econômicas e a participação política.

São pessoas para as quais a democracia, a justiça e a ética são ideais de vida manifestos na conflituosa experiência cotidiana. Estas mulheres nos diferentes espaços sociais estão levando uma forma de articulação com a própria palavra, uma maneira diferente de dizer o que se pretende, mostrando outras ferramentas para seguir caminhando.

Há uma sensibilidade social neste tema nos países latino-americanos, um outro papel das mulheres, no trabalho na família, com a rela-

ção sustentável e ecológica da natureza, bem como todos os impactos que a sua inserção vem causando nas realidades contextuais. Há muitos estudiosos que estão levando os movimentos sociais para as mesas de estudo, e nelas a mulher deve ser levada em consideração pela recente emergência de sua classe como protagonista deste século.

Entendemos que a luta pela garantia dos direitos do sujeito, homens e mulheres requerem alguns desafios. E segundo Rocío Lombera (2006, p.107), os principais desafios são no sentido de saber como garantir socialmente a efetiva realização de todos os direitos? Ele diz que as experiências e propostas de Educação Popular, desenvolvidas socialmente neste campo, trazem três elementos-chave para que se consiga avançar:

um trabalho amplo de informação, promoção, difusão e apropriação social da realidade prática e política do exercício dos direitos em cada realidade e em cada país; neste sentido estão as campanhas desenvolvidas em torno aos Desca em seu conjunto e particularmente; • o desenvolvimento de capacidades sociais para a defesa e exercício pleno de seus direitos, a partir de processos de formação e instrumentação concreta para a ação, para denúncia e acompanhamento social de violações, para documentações, análises e informes públicos sobre sua situação real; • a mobilização e negociação para insistir em que um direito, além de garantido na constituição e nas leis, tenha também garantias com recursos orçamentários claramente definidos e publicamente transparentes (LOMBERA, 2006, p.107).

Essa declaração deixa claro quantos entraves ainda existem, pois a mulher, por exemplo, ainda está tentando não ser alvo de todo tipo de preconceito e julgamento, violência moral, social e física, por tanto ao mesmo tempo em que emerge na sociedade com direitos de igualdade de gênero, ou diga-se de sexo, pois gênero seria uma palavra que designaria uma amplitude no que diz respeito ao feminino, enfrenta inúmeras questões histórico culturais enraizadas nas sociedades. Ela caminha tentando educar numa perspectiva de mudança ao mesmo tempo em que enfrenta as agruras do século XXI. Agruras, porque há, ainda no século XXI, uma questão que Pablo

Gentili discute em um artigo, que fala que ao mesmo tempo em que as mulheres latino americanas dão um passo à frente, dão também dois passos para trás. Ele explica:

Las desigualdades de género en el sistema de relaciones laborales no sólo es inmune a los grandes avances educativos en las naciones más desarrolladas, sino, particularmente, en las economías emergentes y en los países con altos índices de pobreza (2015).

Vemos aí uma grande contradição no avanço da inserção do sexo feminino no mercado de trabalho, nos mais diversos movimentos sociais, em todos os segmentos, mas é necessário que se dê atenção as questões de relação entre os gêneros, sexos, entre as hierarquias formais e informais, nos direitos humanos e trabalhistas que envolvem este cenário contemporâneo. A diversidade social e cultural das mulheres latino-americanas, não somente a sua ascensão dentro dos contextos em que se inserem, mas colocar em evidência, denunciando o que parece invisível entre as relações, quando a mídia principalmente mostra o que alimenta o senso comum das massas.

É preciso historiar, anunciar, dialogar e denunciar para criar reflexão, continuar levando essa discussão as mesas redondas, para as revistas, livros, documentários e para a mídia áudio visual que alcança o mundo, ver para além dos olhos as mulheres que desejam fazer a diferença na sua sociedade. Pablo Gentili, fala que mesmo dentro do gênero feminino ocorrem desigualdades que também merecem uma discussão profunda, pois dentro dos movimentos sociais encontramos essa pluralidade de figuras femininas e que cada qual no seu contexto na sua luta, também trazem esta denúncia de diferenças e preconceitos entre o mesmo gênero. Veja que o autor diz:

Un hombre gana más que una mujer; una mujer blanca más que una mujer negra; una mujer negra urbana más que una mujer indígena campesina; una mujer sin hijos más que una mujer con hijos; una mujer indígena, campesina y con hijos, menos que todos los demás. Cuando buena parte de los economistas traten

de explicar este curioso proceso que persiste sorprendentemente al paso del tiempo y se consolida inclusive en los niveles más competitivos del mercado del trabajo, seguramente dirán que la responsabilidad es del sistema educativo (GENTILI, 2015).

A luta está na persistência contra essas desigualdades sociais dentro do próprio gênero e procurar compreender o que acontece, ou seja, quais são os fatores determinantes para estas desigualdades é um dos caminhos a percorrer nas entrelinhas de nossa pesquisa, pois ao mesmo tempo que vislumbramos encontrar histórias das mulheres a que chamamos de guerreiras, educadoras de seu entorno, sabemos que poderemos sim, encontrar as lutas inversas, agruras, tristezas e pedidos de socorro que precisam ser registrados e para além disso, serem pensados, pois quando dizemos da luta pela mudança social, não diz respeito somente as questões econômicas de desigualdade, mas a superação do racismo, preconceito étnico, de sexo, gênero, e todo universo de segregação e exclusão da mulher latino-americana.

Soy... soy lo que dejaron  
Soy toda la sobra de lo que se robaron  
Un pueblo escondido en la cima  
Mi piel es de cuero, por eso aguanta cualquier clima  
Soy una fábrica de humo  
Mano de obra campesina para tu consumo  
frente de frío en el medio del verano  
El amor en los tiempos del cólera, mi hermano!  
Soy el sol que nace y el día que muere  
Con los mejores atardeceres  
Soy el desarrollo en carne viva  
Un discurso político sin saliva  
Las caras más bonitas que he conocido  
Soy la fotografía de un desaparecido

La sangre dentro de tus venas  
Soy un pedazo de tierra que vale la pena  
Una canasta con frijoles, soy Maradona contra Inglaterra  
Anotándote dos goles  
Soy lo que sostiene mi bandera  
La espina dorsal del planeta, es mi cordillera  
Soy lo que me enseñó mi padre  
El que no quiere a su patria, no quiere a su madre  
Soy américa Latina, un pueblo sin piernas, pero que camina  
Tú no puedes comprar al viento  
Tú no puedes comprar al sol  
Tú no puedes comprar la lluvia  
Tú no puedes comprar el calor  
Tú no puedes comprar las nubes  
Tú no puedes comprar los colores  
Tú no puedes comprar mi alegría  
Tú no puedes comprar mis Dolores  
Tengo los lagos, tengo los ríos  
Tengo mis dientes pa' cuando me sonrío  
La nieve que maquilla mis montañas  
Tengo el sol que me seca y la lluvia que me baña  
Un desierto embriagado con peyote  
Un trago de pulque para cantar con los coyote  
Todo lo que necesito, tengo a mis pulmones respirando azul clarito  
la altura que sofoca,  
Soy las muelas de mi boca, mascando coca  
El otoño con sus hojas desmayadas  
Los versos escritos bajo la noches estrelada



Una viña repleta de uvas  
Un cañaveral bajo el sol en Cuba  
Soy el mar Caribe que vigila las casitas  
Haciendo rituales de agua bendita  
El viento que peina mi cabellos  
Soy, todos los santos que cuelgan de mi cuello  
El jugo de mi lucha no es artificial  
Porque el abono de mi tierra es natural  
Tú no puedes comprar al viento  
Tú no puedes comprar al sol  
Tú no puedes comprar la lluvia  
Tú no puedes comprar el calor  
Tú no puedes comprar las nubes  
Tú no puedes comprar los colores  
Tú no puedes comprar mi alegría  
Tú no puedes comprar mis Dolores  
Trabajo bruto, pero con orgullo  
Aquí se comparte, lo mío es tuyo  
Este pueblo no se ahoga con marullo  
Y se derrumba yo lo reconstruyo  
tampoco pestañeo cuando te miro  
para que te recuerde de mi apellido  
La operación Condor invadiendo mi nido  
Perdono pero nunca olvido  
Vamos caminando  
Aquí se respira lucha  
Vamos caminhando  
Yo canto porque se escucha

Vamos caminhando  
Aquí estamos de pie  
Que viva la américa!  
No puedes comprar mi vida (CALLE 13)

A música da banda Calle 13, uma banda porto-riquenha, nos coloca numa posição de contínuo desassossego, não só da consciência que desperta sua crítica ao momento que a música com sua letra nos chama a reflexão. Ainda que haja as mazelas do mundo, toda corrupção, desigualdades sociais e culturais e de todos os direitos que o sujeito necessita na contradição do mundo do capital que impera sobre o humano, o vento, o sol e a chuva não podem ser comprados, assim como o conhecimento não se pode tirar das pessoas que o buscam e o alcançam, e seguem caminhando como diz a música em busca, na luta por um outro mundo mais justo.

Os planos e programas de inclusão das mulheres, no Brasil atual, conciliam aspectos da democracia liberal, fundada no mercado, com a democracia representativa, segundo critérios de representatividade. Mas a legitimidade da última é discutível, porque aspectos centrais da democracia republicana, fundada em uma comunidade ética de defesa do universal, não têm sido respeitados. o universal também não tem sido uma diretriz; ao contrário: o que se tem é a hegemonia do recorte singularizado segundo idade, sexo, condição sócio-econômica etc. (GOHN, 2007, p.57).

Concordamos com a autora, no sentido de que percebemos uma lente excludente de grande parcela da sociedade em que não se faz presente a contemplação do universal, sendo esta parcela grupos de diferentes gêneros, etnias, atividades culturais, populares e religiosas que não aquelas que são padrão da grande maioria, grupos de diferentes idades em relação à inclusão no mercado de trabalho, por exemplo, e ainda infelizmente a não oportunidade de igual condições de educação e vida digna que contemple ao menos as necessidade básicas do ser humano para os grupos cuja condição econômica e

social não permite fazer parte do grupo dos “incluídos”. Este grupo de incluídos como mencionamos, principalmente as mulheres, são parte de um movimento no sentido completo da execução de seus deveres e possibilidade de gozar seus direitos integrais, como sujeito cidadã e mulher? Ou será que apenas moldam-se ao movimento do capital em busca de trabalho para que continue andando a mola propulsora da sobrevivência nessa luta de leões? Como ler nas entrelinhas? Como não aderir ao lucro quando este está sendo gerado sustentando a família e ainda para além da expectativa de lucros planejado e não esquecer o interesse do coletivo dentro de um movimento social ou comunidade, por exemplo? Há ascensão da mulher como figura de liderança, como educadora formal, não formal e informal, mas há também corrupção, de que maneira esta se forma e por quê? São muitas as observações a serem realizadas neste universo e a cada resposta encontrada com certeza três perguntas surgirão.

A legislação brasileira, por exemplo, caminha para ampliar os mecanismos de proteção à mulher que no século XXI, embora, os índices de violência ainda venham crescendo, e não só no Brasil, mas em diversos países latino-americanos. Segundo o IPEA Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, os Femicídios nas regiões e Unidades da Federação brasileiras no período 2009-2011, foram registrados, 13.071 Femicídios, o que equivale a uma taxa bruta de mortalidade de 4,48 óbitos por 100.000 mulheres. Após a correção do próximo índice, estima-se segundo o IPEA, que ocorreram 16.993 mortes, resultando em uma taxa corrigida de mortalidade anual de 5,82 óbitos por 100.000 mulheres. O que nos leva a refletir que, juntamente ao crescimento da mulher em todos os setores onde só havia homens e ao “poder” exercido por elas nas diversas áreas desde a econômica à arte, crescem também os índices de violência contra a mulher, o que pensamos também, como adquirir o respeito, a valorização e a igualdade diante do cenário que se mostra nas pesquisas? Não podemos esquecer das mulheres que diante da estatística tornam-se apenas números, tantas histórias nos diversos lugares do mundo de perfis que são invisíveis para a sociedade. Quem são, quem foram, quem serão estas figuras femininas e qual o seu papel.

Sem lançar mão de uma ação anacrônica, trago uma fala de Simone de Beauvoir, que conta que uma certa vez ouviu homens dizerem: “”Você pensa assim porque é uma mulher”. Mas eu sabia que minha única defesa era responder: “penso-o porque é verdadeiro”, eliminando assim minha subjetividade” (1970, p. 9). É esse pensamento que ainda hoje ouvimos muitas vezes nas rodas de conversa, na família, no trabalho, nos mais diversos grupos sociais, uma certa singularidade como ainda explica a autora em seu livro “o segundo sexo”, que trata de deixar claro uma regra em que o homem sempre vai estar certo e a mulher na faixa de erro do seu pensamento, fala ou decisão, simplesmente por ser ela mulher, sexo feminino, quando digo que não há anacronismo, é porque essa atitude infelizmente ainda é hábito machista real dentro da sociedade. Ela ascende e retrocede ao mesmo tempo nas suas conquistas ou na “validação” dos seus direitos.

## REFERÊNCIAS

CALDART, Roseli Salete PEREIRA; Isabel Brasil. ALENTEJANO; Paulo. FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário da Educação do Campo**: Expressão Popular, RJ/SP. 2012.

GOHN, Maria da Glória. Mulheres – atrizes dos movimentos sociais: relações político-culturais e debate teórico no processo democrático. **Revista: Política e Sociedade: Dossiê**. Nº 11. Outubro de 2007.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: O breve século XX 1914-1991**. Trad. Marcos Santarrita Revisão técnica: Maria Célia Paoli. 2º edição 9ª reimpressão: Companhia das Letras. 1994.

SILVA, Vera Lúcia Gaspara da. **Por detrás das palavras**. Dissertação de Mestrado UDESC. Florianópolis. SC. 1993.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Trad. Salma Tannus Muchail. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

UNESCO. **Educação Popular na América Latina: diálogos e perspectivas** / Pedro Pontual, Timothy Ireland (organizadores): Coleção Educação para Todos, vol,04. Brasília: Ministério da Educação. 2006. Rocio Lombra.

## MÍDIAS DIGITAIS

<[http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/145249 EducacaoMovSociais.pdf](http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/145249/EducacaoMovSociais.pdf)>

<<http://blogs.elpais.com/contrapuntos/2015/03/mujeres-latinoamericanas-un-paso-adelante-dos-pasos-atras.html>>